



O Gaiato

Quinzenário * 11 de Junho de 1983 * Ano XL — N.º 1024 — Preço 7\$50



PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Achei um ninho entrelaçado em dois ramos que balaucam! Ninguém mais o sabe... Dezenas de crianças passam, todos os dias, bem por baixo!

Elas perderam o encanto dos ninhos. Nós roubámos-lho com nossas panteras cor de rosa e pica-paus de todas as cores. Dona televisão é também dona das crianças... Os ninhos, as flores do campo e um ribeirinho para pôr os barcos de papel — tudo se foi!

Há dias encontrei um dos nossos rapazes entre uma moita de arbustos, armado de pistolas de brinquedo, espada de pau e capacete... Estava à espera dum «bandido».

Como todos recordamos o primeiro brinquedo da nossa infância! Que sonhos e castelos!

Hoje, em nossas Casas do Galato, a sociedade de consumo despeja montes de brinquedos... (como quem pretende justificar uma falta).

O ninho é de pintassilgo. Está bem escondido nos dois ramos dum choupo, perto da casa-mãe da nossa Casa do Galato de Lisboa.

● Na Páscoa, visitámos, eu e um grupo de rapazes, entre os 12 e 15 anos, um amigo que está paraplégico.

Está quase sempre no leito, em uma modesta casinha. Tem à mão umas varas compridas para abrir as portas, a luz e

a televisão que uns amigos lhe ofereceram. Também, à mão, os apetrechos de cozinha, fogão e água. Ali cozinha, come e lava. Está tudo muito limpo e arrumado. Só visto! A casa caiada por ele... que o fez de rojos! Quando, há dias, lá voltámos, estava a desgranhar favas.

Que grandes lições este homem nos dá!: de ordem, trabalho, aceitação — de coragem!

Não somos nós a levar-lhe alegria... É ele que nos dá a nós a sua alegria e paz.

Os rapazes ficaram cheios dum contentamento inexprimível. E, a todo o momento: «Quando voltamos? Temos de ir por causa do telhado». Nós prometemos-lhe substituir os barrotes podres e pôr telha nova. E vai ser num dia de Junho.

● Paz... Todos falamos nela.

O que é para nós a paz: A tranquilidade da lareira nas noites frias?

O sossego da família no sossego dum pinheiral?

A ausência de guerra?

A falta da dor?

Ou ainda a paz dos políticos?

Ou a dos privilegiados em todas as nações?

Será a paz que desejamos para nós igual à do povo daquela aldeia onde Jesus libertou um homem do poder dos

Cont. na 4.ª pág.

REFLECTINDO

Chegam até nós — das mais diversas formas — notícias sobre casos de rapazes com necessidade de amparo. A sua frequência, a sua força são notas dominantes no nosso dia-a-dia! E a impossibilidade de se lhes dar solução, mostra à evidência o que falta fazer em nosso País.

A maior parte das causas que motivam os casos que nos batem à porta, tem raiz na falta de formação global — que atinge os causadores dos dramas... E a solução da presente situação não passa só pela abertura de mais Casas do Gaiato para remediar os dramas já consumados... Embora a acção seja necessária, importa também que — a todos os níveis: familiar, escolar, social — as pessoas sejam alertadas no sentido de uma maior consciencialização das suas vidas, e das suas responsabilidades sociais.

No domingo passado sou chamado para falar com uma senhora; uma avó que vem falar de um neto de dez anos. A confirmar a história da criança, traz um abaixo assinado por todas as professoras da Escola frequentada pelo rapaz; história infelizmente simples e vulgar: Os pais, separados, arranjaram nova ligação cada um. O rapaz começa por viver com a mãe e o padrasto; situação insustentável... Depois, passa a viver com o pai e a madrasta; pelos vistos, nada melhora... É aqui que as pessoas se inquietam... e vêm ter connosco, como tábua de salvação!

Eis alguns passos do abaixo assinado:

«(...) Não comparece às aulas, apesar dos avisos de faltas que têm sido enviados ao encarregado de educação. E tudo isto para encobrir os vestígios de constantes maus tratos que lhe são infligidos pelo pai e pela madrasta, tais como: mordidelas, marcas em todo o corpo provenientes de chicotadas com um cadeado de cão, cabeça rachada com o pau de uma vassoura, etc. etc...»

Já anteriormente este Conselho Escolar, depois de ter constatado as lesões físicas de que era vítima a criança, e de ter mesmo chegado ao ponto de a levar aos S. A. P., onde foi observada e passado a esta Escola relatório médico comprovativo das referidas lesões,

fez todos os esforços a fim de convencer o pai a dar educação correcta e proporcionar à criança ambiente familiar onde não houvesse violência.

Infelizmente, foram infrutíferas tais diligências. Inesperadamente, numa manhã, surgiu o aluno em questão, nesta Escola, pedindo refúgio às professoras deste turno, pois decidiu fugir de casa, apresentando equimoses na face e costas e muitíssimo debilitado. Em face disto, as professoras mandaram chamar o pai ao trabalho e, perante o filho, professoras e empregada, não acatou as boas palavras que lhe foram dadas, chegando a afirmar que, se quiséssemos ficar com ele, ficássemos, pois não estava para destruir a sua felicidade conjugal..., negando reconhecer o estado lastimável que, à vista, a criança apresentava, tendo por último a atitude brusca de o levar, deixando completamente atónitas e revoltadas as professoras. Desde essa data não mais voltou à Escola, apesar das já referidas demarches. Contudo, este Conselho Escolar tem conhecimento, através de várias pessoas desta localidade e mesmo dos próprios alunos, que a referida criança continua a ter os maus tratos de antes e mesmo que a situação se tem agravado ultimamente, a ponte de tanto o pai como a madrasta rejeitarem a criança e a maltratarem com a finalidade de a obrigarem a voltar para junto de sua mãe legítima que, por sua vez, também a rejeitava, dando-lhe iguais tratos.

Em face disto, vimos por este meio solicitar à vossa Obra que se interesse por um caso tão desumano: uma criança repudiada por todos e sem ter quem a defenda.

Consideramos que a sociedade deve interessar-se por casos como este e sabemos o que a Obra da Rua — pelas Casas do Galato — tem feito no sentido de dar um lar a crianças como esta...»

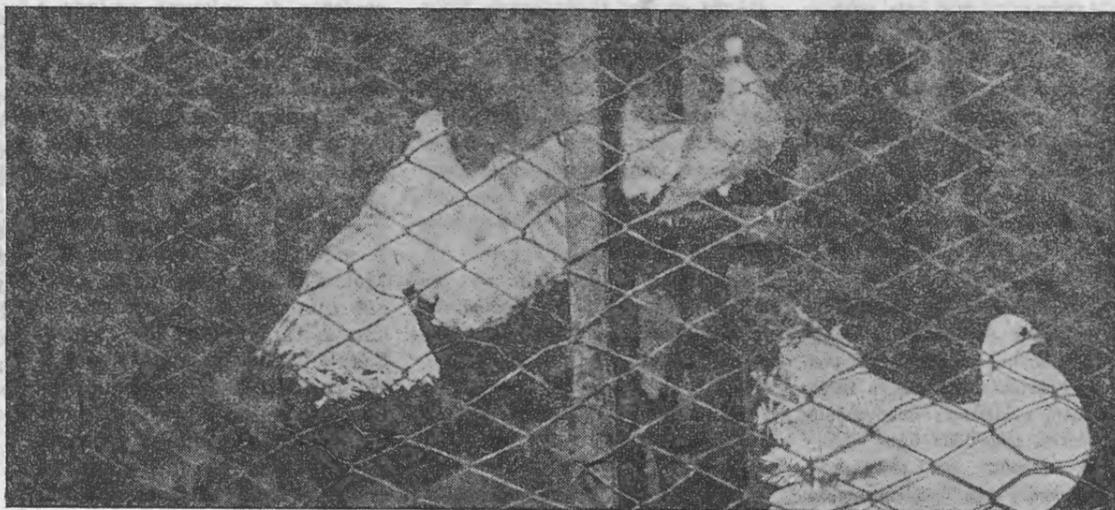
Poucos comentários são precisos para somar à força real das palavras transcritas. Direi apenas:

— Com que leviandade se fala, por aí, a cada passo, a respeito do divórcio;

— Como toda a vida, de ho-

Cont. na 4.ª pág.

As pombas da nossa Aldela, em Paço de Sousa, estão ao cuidado de Zé Manel. São a delícia da Comunidade! Nada lhes falta..., qual tónico para eles esquecerem os vícios da rua, abrindo suas almas para o dia de amanhã. Símbolos de paz num Mundo de falcões!...



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — No dia 22 de Maio houve mais um encontro de futebol em nossa Aldeia.

A equipa que nos visitou, fê-lo pela segunda vez no espaço de um mês!

No primeiro encontro o resultado reverteu a nosso favor pela marca de 7-1.

Neste segundo encontro as coisas correram melhor. Contudo, devo salientar que o guarda-redes do Académico de Rio Tinto não merecia sair com tão pesada derrota!

Foi um belo jogo! Chegámos ao fim dos 45 minutos com um empate a 0 golos. Mas, na segunda parte as coisas modificaram-se; e no espaço de quatro minutos a nossa equipa obteve 3 golos. A pressão continuou até final do jogo, que ganhámos por 8-0.

Agradecemos aos atletas do Académico de Rio Tinto os momentos agradáveis que nos proporcionaram.

OBRAS — É uma tarefa que, em nossa Aldeia, nunca pára! Muitos cantos e recantos precisam de ser restaurados! Já tem quarenta anos...!

Neste momento a casa 2 apresenta outro aspecto, apesar das coisas ainda estarem a meio. O telhado do parque agrícola está no fim e a obra dará uma grande ajuda ao sector, pois as coisas necessárias ficarão mais à mão de todos os que dedicam o seu trabalho à lavoura.

A bela entrada da nossa Aldeia, muro de pedra, precisava de um embelezamento. É a porta de entrada... A pedra está a ser rusticada.

Aguardamos que parte destas obras seja concluída brevemente, para se poder dar início à restauração de outros recantos para aconchego e beleza da nossa Aldeia.

LAVOURA — É uma época do ano difícil para os que se dedicam à lavoura!

Depois da intensa chuva que caiu, volta o sol, com o calor habitual.

A nossa vinha está a ser tratada. A sementeira do milho a principiar. O trabalho na horta, para abastecimento da nossa Casa, não pára!

A lavoura é uma actividade absorvente. Mas nós temos que trabalhar. É a terra que nos dá o pão...

VISITANTES — O tempo é já convidativo para os passeios. São muitas as excursões que se deslocam à nossa Aldeia e outras telefonam a pedir para visitar a nossa Obra. Não vale a pena esse cuidado. Nós somos a Porta Aberta! Recebemos todas as pessoas com muita amizade. E em todas encontramos sempre muito amor e carinho por todos nós.

TEMPOS LIVRES — Os tempos livres são ocupados de várias formas, com jogos de mais ou menos interesse...

O que neste momento desperta a atenção de todos é o berlinde. Por todos os lados há buraquinhos destinados à competição. Os jogadores percorrem vários metros até atingirem o fim.

Um dia destes encontrava-se um grupo de espectadores a assistir a uma final. O grupo era cada vez maior e havia razões para isso: o Padre Moura era um finalista! Contudo, a claque a seu favor pouco o ajudou;

que o Zaco — um dos melhores jogadores — não perdoou a Padre Moura e deu-lhe uma grande queca!

Que este tipo de divertimento tenha êxito, em nossa Comunidade; e que o Padre Moura tenha sorte noutra final.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela tarde de Primavera foi muito ocupada!

Batemos à porta. O cão dá sinal. Ela abeira-se do logradouro, chala traçado, socos nos pés.

— Entre...

Entrámos. Sentada, à lareira, uma Viúva que mora porta com porta. A lareira é vida! Ponto de reunião. Ali está tudo no seu lugar: trasfogueiro, panela, malgas, chaleira...

— «Em Maio comem-se as cerejas à borralho»...

— Se não fosse esta cozinhinha morria de frio!

A companheira sorri. Faz companhia à Madalena — que vive só.

— Cá nos ajudamos uma à outra...

Com este sinal d'amor, avançamos para outro lado, bem distante, quase à beira-rio.

— O meu home foi descansar.

— Não o acorde!

Mas ele dá fé. Ouve. E vem até nós, tremelicando.

— 'stou cada vez pior! Não aganto os braços nem as pernas. 'stou cada vez pior!

A mulher ralha:

— Não se convence que tem d'ir à médeco!

Conseguimos demovê-lo...

— Pronto! Vou à médeco...

Entretanto, ela desabafa a sua cruz, já que toda aquela gentinha vive, apenas, da miserável pensão que o marido recebe — como grande inválido.

— Eu mal posso... — queixa-se a crucificada. Mas tenho d'ir, por aí, dar uns dias de trabalho p'ra equilibrar o barco. São muitas bocas a comer... e tuão a subir! A gente não sabe onde é q'isto vai parar!

● É já noite. Vem acompanhado do sogro. Estranhámos. Não tanto pelo dia, pela hora... Servimos muitos a desoras, quando é necessário, urgente.

O pobre sogro, que trabalha no grande Porto e viaja de comboio, está naturalmente cansado. O pão é ganho com muito sacrifício!

O genro tem palavra fácil. O velho, não. Agacha-se. Ainda hoje sofre os problemas... de ter criado — como criou — um rancho de filhos. Destes, a mais nova tem sido um calvário! Casou prematuramente... O marido — que nos aborda — era dos cafés..., vida um tanto fácil que tem custado a endireitar! Oportunamente, estimulámos a construção de um anexo, para eles, na moradia dos pais; e mais e mais...

Agora, chegam outras desgraças: a moça tem uma doença nos olhos — e a da fome nos pulmões! Ele também já está tocado! Assim, o bacilo não tardará a alastrar; como acontece, de novo, pelo País fora!

«Nós andamos em tratamento» — esclarece, pela documentação.

«Agora, o que mais precisamos é duma ajuda p'ra ela tratar os olhos — que pode ficar cega.» Prometemos. E vamos cumprir.

PARTILHA — «Por alma de Maria do Céu», 1.000\$00 do assinante 8632, do Porto. Metade, da cidade Invicta, entregues no Espelho da Moda, em discreto sobrescrito. E mais 2.000\$00 da assinante 10068 «que é parte da reforma de meu marido». Oh! partilha!

«Avó de Sintra» manda cheque a Padre Carlos «para a Conferência» — 1.500\$00. Vicentina, de Mirandela, 1.000\$00, 200\$00 dos quais «de duas senhoras que me deram para os Pobres. Então resolvi enviar a oferta mais abonada...»

Assinante 20014, de Lisboa, 1.500\$00 «para uma aflição de que tenham conhecimento; talvez uma Viúva, talvez uma pequena ajuda na construção duma casa». Cumprimos.

Assinante 9790, de Oliveira do Douro, testemunha a sua prece com 600\$00 e pede ao «Senhor perdoe as nossas faltas e nos dê a Mão para avançarmos». Quem diria melhor?!

Migalha, do Alto Minho, «para as necessidades da Conferência». É presença muito assídua! — Amigo da primeira hora (da Obra da Rua), assinante n.º 20, cuja Amizade cresce na proporção dos anos, presente com valioso cheque para os Pobres e Autoconstrução. Um grande abraço de nós todos!

Partilha mensal de bom Amigo, ora no Fundão. Sempre certo, muito certinho! Deus lhe pague.

Para aquela senhora que viveu bem, e ora não, chegam presenças de muitos lados! Portela da Ajuda, Lisboa, 2.000\$00 e um mea culpa: «A falta de tempo não me deixou escrever mais cedo...» Porto: «Para mitigar um pouco o sofrimento da senhora «que se encontra viúva», 1.500\$00 «com pena de não poder, para já, contribuir mais». Alcánena: 1.000\$00 para a senhora, «de trato fino e que dizia que tinha chegado à última... Desejo ficar no anonimato».

É a **procição** dos Anónimos! Mais, de «uma Viúva», para esta Viúva, 500\$00. O mesmo, do Porto, com afirmações pertinentes:

«Os nossos fins de vida são sempre problemáticos, talvez devido ao tempo... Não ligam aos da terceira idade, quanto mais com mais idade. Também não sei o que me está guardado para o fim da vida. Portanto, hoje, posso dispensar essa importância, que é uma gota de água neste mar da vida.»

Outra achega, de Oeiras:

«Junto um cheque pará o caso de pobreza branca relatado n' O GAIATO de 30 de Abril; aquela Viúva que já viveu bem...»

Aquilo que tenho não é meu, é do Senhor. Por isso, o sentir-me no dever de, sempre que me seja possível, ajudar aqueles que têm menos do que eu. Que o Senhor, nosso Deus, me ajude sempre a administrar bem aquilo que vai pondo nas minhas mãos pecadoras.

Também sou Viúva e já na casa dos 70. Fui vicentina na minha terra... E talvez por isso compreenda tão bem aqueles que têm necessidade.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Retalhos de vida

Lúcio



Chamo-me Lúcio Gonçalves da Costa Santos. Sou o Lúcio, natural da Póvoa de Varzim, onde nasci a 12/1/68. Tenho agora 15 anos.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, encontrava-me na casa dos meus avós. Estive com eles cerca de 5 anos. Mas, como estavam já a ficar velhinhos e doentes, tive de vir para a Casa do Gaiato; e, aqui, encontro-me muito bem. Há um irmão comigo, conhecido por Santos.

Frequento a quarta classe da Escola Primária. Fui escolhido para o grupo de vendedores de O GAIATO; onde também me sinto bem a entregar o jornal aos nossos Amigos, e faço a sua distribuição na cidade do Porto.

Agora, trabalho na padaria. Eu e o «Cinfães». Nós dois é que cozemos o pão para toda a Comunidade.

Quando acabar a Escola gostaria de ir para a serralharia, minha profissão preferida.

Um abraço para todos os assinantes de O GAIATO, especialmente para os poveiros, que eu sou da Póvoa!

Lúcio

Do que nós necessitamos

Era de joelhos que havia de escrever esta coluna! O envelope que tenho na frente é tão atestado de presenças amigas que nem sei por onde começar! Elas são tantas, e tão variadas, e comunicam-nos tanta Vida que, realmente, é preciso mesmo escrever como quem reza!

Como temos que querer bem a todos os nossos queridos Amigos — «Família de fora» — que através dos seus contributos, palavras amigas e carinhosas, ajudam todos os que trabalham para continuar esta Obra que Pai Américo nos legou! E é por força destas presenças que todos procuramos adivinhar horizontes mais latos para os nossos rapazes. É no dar das mãos que os cristãos mostram que o são:

Por intermédio do Espelho da Moda, um nunca mais acabar de ofertas de muitas e várias maneiras. São envelopes repletos de palavras amigas e ajudas substanciais; são pacotes de roupa, de brinquedos, de guloseimas e muitos **óbulos de Viúvas** que se tornam grandes pela sua grandeza de alma.

A **procição** é enorme! Supermercados Nutripol por duas vezes. Um anónimo com 5.000\$ e mais uma Viúva com 50\$. Mais 150\$ de uma magra pensão que recebe um reformado. Outro anónimo, do Porto, 3.000\$. 150\$ de uma senhora reformada, acompanhados de palavras muito amigas: «É pouquinho, mas a minha reforma é pequenina. O meu coração enche-se de alegria quando

posso mandar alguma coisinha para os gaiatos do Pai Américo».

De V. N. Farnalhão, uma anónima com 3.000\$. Mais 200\$. Mais 750\$ de V. N. Gaia. Outro anónimo que não quer que uma mão veja a outra: 10.000\$. Amiguinha do Henrique, 7.500\$. A. Malta, 200\$. Outro tanto de Oliveira de Azeméis. Por alma de Manuel Gonçalves, 1.000\$. Um envelope com 20.000\$ e palavras cheias de amor ao Próximo, do assinante 30608. Coimbra, de quem gosta imenso de ler O GAIATO, 200\$. Mais 100\$. E mais 500\$. Pelo correio, 7.500\$ da Ambar — Porto. Outro anónimo com 2.000\$. De Espinho, pedindo o anonimato, mais de uma dezena de contos, por várias vezes.

No nosso Lar do Porto muitas e variadas presenças. A Internex, 800\$. Um Manuel, do Porto, 2.500\$. Mais 50\$ de quem reparte as suas migalhas. Mais 200\$ de uma família que se cotizou, e palavras de carinho. Em nome de Jesus Menino, 5.000\$. Uma amiga dos «Batatinhas», 2.500\$ todos os meses. Ermesinde, 2.000\$ de José. Mais 1.000\$ de F. Costa e Vitorino. Mil escudos e mais 802\$ da Rua do Bonjardim, Porto. Domingos F. Silva, 3.000\$. Setúbal, para melhorar a ceia de Natal, 7.000\$. Mobiladora, 1.000\$. M. F. Antunes,



Partilhando

■ A carta estava pousada na mesa do escritório. Era de um dos nossos, mais pequenós, dirigida ao pai. Eu li-a. A propósito do mês de Maio — dedicado à «nossa Mãe do Céu, Virgem Maria» — pede ao pai o favor de mandar celebrar uma Missa por alma da mãe e da avó!

No verso da missiva, poemas e outras invocações:

«Mãe!
De dentro de ti
Eu saí...
Por isso tenho
Para te dizer
Que no Dia da Mãe
Te escrevi...

Mãe querida
Tu és flor
E sem ti...
Nós sentimos a dor!

O Dia da Mãe deixara lembranças no coração do fi-

lho! Saudades... Bem fortes! Tudo tão natural na fé simples da criança, que também cresce em sentimentos humanos! «Mãezinha querida, lembra-te de nós! Reza pelo pai e por os teus filhos tão queridos!»

Quem substitue a mãe? A saudade, o amor, a fé! Sim; ajudam a preencher e a ocupar o lugar... tão cheio de beleza e contradição.

Mês de Maio — flores... Primavera... Aqui deixo este sinal vivo para celebrarmos o Dia da Mãe. Até porque muitos dos nossos rapazes já não a têm; e... outros jamais a conheceram!

■ Na véspera do Dia da Mãe recebo um telefonema de alguém de família dando a notícia de que uma mãe falecia aos trinta e poucos anos, dei-

xando quatro filhos pequenos. Uma casa, por ela construída em Gondomar, fica assim concluída... No vazio da terra, ela deixa os filhos para sempre. Mas tudo é presente na Eternidade divina. Haja fé! E os filhos...?

■ Uma mulher de meia idade, vestida de escuro, traz um documento da Junta de Freguesia a comprovar a verdade do caso. É mãe de dez filhos e mais dois sobrinhos órfãos. O marido trabalha na construção civil — seu único sustento. Estão a fazer obras na casa, um aumento... para poderem acolher os sobrinhos. Uma dúzia de filhos... depois de já ter dez! Gente heróica! Atrasada e pobre. Aqui, hoje, a nosso lado, de uma aldeia qualquer. Sem fazer a história, escrevem-na eles com as mãos cobertas de suor e o coração desfeito em sangue de generosidade!

É assim esta gente! Não entram na História dos grandes deste mundo, grande demais para lá caberem. A voz desta gente heróica é tão dura que se cala... A verdade!

— Quero uma ajuda para os meus filhos! — implora aquela mulher vestida de tons escuros. Outra mãe nesta terra de ninguém... Ela, porém, é Alguém!

■ Dialogava com um grupo de senhoras de uma Conferência Vicentina, do Porto. Respondia a perguntas sobre a nossa Obra: da falta de senhoras que se dediquem inteiramente aos nossos rapazes — quais Mães dos sem-família! — à própria vida deles em nossas Comunidades; e, ainda, a problemas de famílias que habitam moradias do Património dos Pobres a viver de ordenados que, em princípio, não dignificam nem justificam habitação gratuita.

O diálogo não tinha acabado, entra o Félix porta dentro a fazer sinais de que surgira algo de anormal... Pouco faltou para a «conferência» ficar suspensa!

Peço licença e vou ver o que se passa, fora da porta. Um roubo! De um momento para o outro, a empregada da nossa Escola fica sem o dinheiro que trazia na carteira! Félix era um dos suspeitos. Inconformado, atira as culpas para cima de outros. Chama o «Cebolinha». Leva-o para um canto. Conversa muito íntima, a sós. Caso resolvido!... Félix regressa sozinho. Vai à carteira, da Escola, que pertence ao «Cebolinha». Tira o dinheiro que falta na outra carteira e, agora, até sobra!

Entretanto, «Cebolinha» foge... Não volta à Escola. Não vem jantar. É quase noite. No cimo da avenida — quando regresso de mais uma viagem a Penafiel — «Cadete» e mais alguns companheiros fazem paragem. Abrem a porta da car-

O «Periquito»

Falo do António Moreira, o primeiro que teve tal apelido nas nossas Comunidades.

Os livros Isto é a Casa do Gaiato estão cheios dele. Creio mesmo que de nenhum outro tanto como dele! Foi o seu reinado!

Não sei que drama o trouxe a Paço de Sousa. Ele é um dos «velhos»! Sei, sim, que regressado a Espinho, sua terra natal, quase homem feito, a sua vida foi um acumular de muitos sofrimentos. Que contraste entre os «instantâneos» dele no «Isto é...» e o retrato que a vida fixaria! Casou cedo, com certeza ainda imaturo. Barbeiro de profissão, faltas de saúde, depressa viriam impedir-lhe a caminhada em tal mister. Experimentou muitas enfermarias de hospitais; e quase sempre a dor de não poder subsistir só pelos seus melos.

Ultimamente, casados já vários filhos, avô de uns poucos de netos, julgo que a sua vida melhorara algo. Mas a saúde, não. Ainda assim, não esperava a notícia que a mulher deu, há dias: Deus veio por ele.

Antes de morrer, falou muitas vezes na Casa do Gaiato — me diz ela em sua carta. Que fez várias tentativas para telefonar e nunca conseguiu.

Tenho pena que nenhum de nós tenha estado presente na sua hora derradeira.

Que o Senhor, em Sua Misericórdia sem fim, o tenha achado em tanta Graça Sua quanta a graça que Pai Américo encontrou no jovem «Periquito» e difundiu pelos leitores de O GAIATO em páginas e páginas inesquecíveis. E lá no Céu seja restaurado para a Eternidade o reinado de alegria que foi a sua infância e juventude.

Padre Carlos

DESPERTAR

Rasgam-se as trevas
Ressurge à luz...
E tu renasces
Tocas de novo
A tua história
No ponto onde ficou,
Antes d'adormeceres.

Sintonizas os teus gostos...
E desgostos.
Agarras a coragem ou o medo...
O amor ou a solidão.

Encontras a verdade de cada [dia...
Que pode chegar,
Vestida de verde esperança,
Enfeitada de ternura...

Mas pode chegar também,
Enrolada em silêncio,
Cortada pelo abandono,
Chegar vazia...
Sem pão.

Despertar...
De novo a vida
Que é mãe
Madrinha ou madrastra,
Que é céu,
Que é sonho,
Que é dor.

Mas seja lá como seja,
Promete em cada manhã,
Promete a Deus,
À vida,
A ti mesmo,
Que cada gesto que faças
Que tudo aquilo que digas
Tenha raiz no Amor.

E luta...
Luta sem tréguas
Para que teus olhos tragam
Sempre... sempre...
Sempre... sempre...
Sempre o brilho do perdão.

Escrito aqui... onde a Cruz e o Amor se abraçaram e geraram uma «Família».

Paço de Sousa, 19 de Maio de 1983

Fernando Dias

Padre Abel

4.250\$. Avó Maria, várias vezes, 1.000\$. Sufragando a alma de seus pais, 1.000\$ de Isabel. A. S. Samagaio, 200\$. Mais quatro anónimos, com 100\$. E outros tantos com 500\$. Novamente a cidade Invicta com 1.000\$, mais 50\$ e mais 350\$. Ainda da capital nortenha, por uma graça recebida, 1.000\$. Outro tanto de um anónimo, pelo mesmo motivo. No Domingo de Ramos, um raminho de 500\$; e outro de 1.000\$ para os nossos «Batatinhas». Cinco mil escudos, de algures. Helena, de Viana do Castelo, 1.500\$. Outro tanto, com o mesmo nome, de Lisboa. Mais 5000\$ de Viana do Castelo, afirmando que ainda fica a dever muito mais. Assinante 29063, uma dezena de contos e promessa de mais. O dobro de Barros & Almeida. Amiga da Senhora da Hora, 300\$. Uma funcionária da Escola Preparatória de Gouveia, 1.000\$. Por uma graça recebida, 12.000\$. Uma encomenda, de Chamusca, para os nossos mais pequeninos. As guloseimas não se dão só aos mais pequenos... Os mais crescidinhos, quando fazem anos, também querem coisas doces — e não esquecem de lembrar as senhoras na altura das refeições! Natália, 1.000\$, também com muito carinho. O mesmo de Sabugal. Para que não nos esqueçamos «dos seus quatro familiares», 2.000\$. Conceição, 400\$. Por intermédio do Padre M. Teixeira, 5.000\$. Mais 1.000\$ de uma mãe e um filho, com muita pena «por a Humanidade gastar tantos milhões em armamento, havendo tanta gente com fome». Para terminar, de Setúbal: 1.000\$ de um anónimo e mais 1.000\$ de Pompília.

Onde todos ajudam nada custa! E, quando amamos, somos mais felizes...

rinha. Entram. E dizem: «O «Cebolinha» já apareceu! Esta-va escondido na casa 2» — que anda em obras. As nossas obras nunca acabam! A nossa Obra também não, enquanto houver «Cebolinhas» que dela precisem e a justifiquem.

Fazemos tribunal:
— Porque te escondeste e fugiste «Cebolinha»!?

— Fiquei envergonhado...
No Paraíso perdido os nossos primeiros pais também responderam, assim, à pergunta sobre o fruto proibido! A vergonha do mal feito é nota positiva desde o princípio! Quantos respondem que fugiram pelo medo do castigo!?

A fraqueza está acima da maldade. Aquela reduz esta e

faz bem distingui-las; até por amor à justiça.

Por castigo do furto, «Cebolinha» ficará de guarda — nas horas do seu recreio da Escola — ao lugar e às coisas que não soube respeitar. E, pelo dinheiro que sobrava (de excursões que nos visitam e dão essa «oportunidade»...), ocupar-se-á das obrigações de fim-de-semana que pertencem a colegas e amigos também suspeitos por causa dele.

Tudo por causa do «Cebolinha» — que foi lição! Não por via do roubo em si, mas pelo «fiquei envergonhado»... testemunha de defesa no tribunal!

Padre Moura

UMA CARTA

«Aqui estou, de novo, embora seja apenas uma vez por ano, a cumprir a obrigação de renovar a assinatura do nosso «Famoso» que está em nome de minha filha... para o que envio um cheque.

Do que restar do custo da assinatura, ficará ao vosso critério a distribuição, pois vós melhor que eu saberão o «burraquinho» a tapar nesta altura.

É com imensa alegria que quinzenalmente me deleito na leitura do nosso Jornal, único em que gasto os centavos que Deus quer que eu ganhe; nem tempo gasto com os outros. Poderá parecer-vos um exagero, mas não é. Comparo-o a uma carta de família, no qual

me dão a conhecer aquilo que me é mais querido, sejam boas ou más as notícias. Tive pena de não ter recebido o n.º 1000, mas disto não vos culpo, pois sei bem o que é «aquela máquina» do nosso correio — quanto mais automatizado pior em todos os aspectos; não sou só eu a queixar-me e «mal de muitos é conforto».

Para terminar quero fazer votos que as imensas graças de Deus por intercessão de Pai Américo nunca vos falem, neste agitado País cada vez mais necessitado de gente capaz de governar e de não se governarem com um despudor cada vez maior. É um alento para mim verificar a confiança divina que vós tendes.
Até sempre.»

Notas do tempo

Por

P.e Carlos

Num transe da vida nacional em que o consenso é o objectivo diligentemente procurado (deveria ser sempre!), foi-me oportunidade de especial impressão o desafio final da Taça UEFA que há semanas se jogou em Lisboa. Naquele dia, àquela hora, o País suspendeu tudo o mais e ficou suspenso: no Estádio da Luz muitos milhares, diante de um televisor alguns milhões — unidos «em um só coração e uma só alma».

Encontro de futebol há-os muitas vezes e frequentemente são motivo de divisões e de disputas para além do jogo. Este foi um encontro de um Povo, um momento de trégua, um instante de unidade. Isto foi o espectáculo que, prouvéra a todos nós, não fosse só daquele dia e daquela hora mas o estádio habitual e generalizado da vida de um Povo.

Se motivados por um objecto tão de somenos, a conquista de uma taça, assim nos subemos unir e reunir — porque não frente a fins incomparavelmente mais nobres como a nossa paz interna, a nossa autonomia e liberdade nacionais, fruto de um bem-estar comum conquistado pelo esforço consciente e consciencioso de cada um de nós?!

Diante da competição europeia cessaram por um momento as rivalidades clubistas. O que não quer dizer que não haja e deva haver clubes rivalizando até que um deles chegue

Reflectindo

Cont. da 1.ª pág.

je, lembra a importância da preparação para o casamento; — Como as crianças são vítimas inocentes... se um amor autêntico, e sério, não sustenta o matrimónio de seus pais!

Padre Abel

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

demónios e mandou estes para os porcos?

«Vai-te embora! Deixa-nos em paz», disseram-lhe.

Para estes habitantes da aldeia a paz eram os seus porcos.

Muitos cristãos amam esta paz — os seus haveres, os seus lucros — afastando tudo o que possa remexer o lago.

Mas o Evangelho é claro: «Deixo-vos a Minha Paz. Não como o mundo a dá». Ou ainda: «O Reino dos Céus é só dos violentos».

a este nível internacional de competição! Mas ficou patente — e tão espontaneamente e com tanta beleza! — que a pluralidade de cores de camisola não é o oposto da unidade, à qual nenhum capricho ou paixão malsã das partes obsta, chegado o momento de estarmos unos. De estarmos unos porque na verdade essencialmente o somos, apesar de e mediante a riqueza do pluralismo!

Porque não há-de ser assim em outros campos bem mais importantes do que o desportivo?!

Esta uma leitura dos factos, independente do resultado do jogo.

Contudo, com toda esta força de consenso e de concórdia bafejando os nossos jogadores em campo, ainda assim perdemos. Claro que não vou filiar a derrota em um demérito moral que suponho também exista na outra parte. Mas não há dúvida que foi uma economia! Refiro-me aos prémios que cada jogador receberia se ganhassem, os quais somavam, ao que oigo dizer, vários milhares de contos.

Eis um cancro de mercenarismo a definhar o espírito desportivo. Uma afronta em que o Povo, embriagado pela paixão do jogo e da vitória, parece não reparar. Pois não ganham os jogadores seu ordenado?! (E, que ordenados!) Pois não devem eles ao clube que lhes paga, o brio de honrar a sua camisola?! E, neste caso, não apenas a honra da sua camisola, mas a dignidade do País que representam?! Não devem eles ao Público que enche o estádio ou «torce» por eles através dos meios de comunicação, todo o seu empenho na vitória honestamente procurada?!... Então que mais se lhes deve, a eles que já ganham escandalosamente em relação ao comum dos cidadãos e a tantos obreiros de ofícios em si-mesmos mais nobres e

mais necessários ao Bem-comum?!

Assim se degrada a nobreza que devia impregnar a função do desporto no conjunto das actividades sociais. Assim se avaliza — tristemente sem contestação que se note — uma injustiça social!

Prouvera a todos nós que este espectáculo de tão mesquinhos e particulares interesses não fosse estádio habitual e generalizado em outros campos bem mais importantes do que o desportivo!

• Talvez por um nadinha de sangue de Quinhentos que me corre nas veias, gosto de descobrir caminhos... e outro dia perdi-me entre Amadora e Loures. Ali, nesse pedaço da Grande Lisboa construída neste século de luzes, experimentei o desgosto de uma cidade nova feita de vielas, de casas sem beleza, semeadas sem critério em espaços acanhados de terra, de ar, de luz.

Alfama e Mouraria são do-

cumentos de uma época. A Baixa Pombalina um testemunho de magnificência. As Avenidas novas uma etapa da evolução urbana. Mas aquilo, o que é agora ou o que será alguma vez senão uma nódoa a denegrir esta geração?!

Agora que Pombal anda por aí em comemorações, vieram-me à cabeça pensamentos loucos. Como teria ali o seu quê de virtude um novo 1755, se fosse possível preservar as vidas e houvesse recursos para remediar os prejuízos e, sobretudo, surgisse um Marquês com rasgo e autoridade para traçar agora proporcionalmente ao que fez naquele tempo!

A parte uma ou outra urbanização pensada, quase tudo é fruto da clandestinidade.

Clandestinidade é um eufemismo, uma palavra sem conteúdo na medida em que se sabe dela e se deixa correr. É uma transgressão de indivíduos a denunciar o pecado maior e velho da falta de uma

política de habitação inteligente e corajosa.

Se o Estado e as Câmaras não podem fazer tudo o que seria preciso para responder às necessidades habitacionais das populações, não exijam demais aos que têm de prover por si a sua urgência inadiável, mas ponham o mínimo e não transijam no mínimo, para que o que vai sendo feito fique implantado sem vergonha para uns e para outros e possa ir sendo acabado até à perfeição desejável.

Teorizamos o óptimo e não somos capazes de praticar o razoável. E deixamos que o péssimo cresça em erros acumulados sem remissão possível porque afectam toda a estrutura desde a raiz.

Que a Burocracia paralisante ceda, mas a Autoridade se não demita. E se nem os indivíduos nem as instâncias oficiais são suficientemente poderosos para realizar isoladamente o ideal, que se estudem e aceitem soluções sensatas, apoiadas no real e civilizadas que talvez se devam exprimir por uma fórmula ao jeito de Pai Américo que a experiência tem revelado tão fecunda: «Obra de todos, para todos, por todos».

SETÚBAL

Estão já aí à porta as grandes férias! Chamo-lhes assim porque, noutros tempos, as férias grandes preenchiam apenas dois ou dois meses e meio. Agora, para alguns, atingem cinco meses, quando não ultrapassam; e para a maior parte dos estudantes e professores, as férias prolongam-se por quatro meses.

A juventude tem sido a grande sacrificada pela «nova ordem».

Aparentemente, e, na letra da lei, todos poderão usufruir somente de trinta dias de descanso; mas, de facto, não é assim.

É necessário dizer que o rei vai nu, ainda que toda a gente lhe admire o fino corte da fatiola!... Ainda constou que o presente ano lectivo teria aulas até finais de Junho. Mas como somos um povo evoluído, de inteligências fulgurantes, e não há mais conhecimentos a ensinar ou a adquirir, bastou que as aulas chegassem a 9 de Junho!...

É desgraçadamente ridícula, a situação a que chegámos!...

Os jovens têm quatro meses de lazer e em vez de os beneficiar e revigorar para o ano seguinte, os entorpece, desmoraliza e destrói.

Quase não há famílias onde um ou outro elemento jovem se não meta na droga, no álcool, nas boltes, na prostituição!...

A nossa volta, os pais que desejariam morrer, por verem os seus filhos perdidos, são às centenas.

Toda a gente se demite! Começa pelos mais responsáveis na hierarquia do poder e vem por aí abaixo até aos professores, mestres e pais.

Que enorme calamidade desabou sobre o povo português!...

Vem aí o novo Governo e uma nova política. Que não seja só a crise económica o fantasma a abater e a superar, mas sobretudo a crise moral em que mergulhámos, de que a económica é reflexo.

As crises dos povos, tão profundas como a nossa, não se vencem — diz-nos a Revelação e confirma-o a experiência e a História — somente com medidas económicas; mas superam-se sobretudo com sérios princípios morais, assumidos e vividos.

É necessário que o exemplo do trabalho, da seriedade e da economia venham de cima. Pois de cima, infelizmente, têm vindo tão maus exemplos e tão brilhantes conselhos.

Ontem, despediu-se de mim uma pobre mãe, imolada por um filho de dezassete anos. De psicólogos para psiquiatras e psicanalistas foi cair num Centro de Recuperação oficial. Um desastre!... Os professores, os mestres e os responsáveis não apareciam ao trabalho, às oficinas, às aulas. O rapaz perdeu-se e foi o fim.

A pobre mãe veio de Lisboa,

aqui, à procura de um caminho de esperança! Até o marido — confundia-me num mar de lágrimas — havia desanimado e deixa correr sem se incomodar.

— Procure, minha senhora, uma pequena oficina no seu meio habitacional, onde alguém a compreenda; ponha as leis de lado e olhe para o seu problema e do rapaz. Ponha-o a trabalhar e todas as semanas vá ver como correm as coisas.

Foi o meu conselho.

Que lhe poderia dizer mais? Que fosse aonde? Bater a que portas?

Está na ordem-do-dia o insucesso escolar. Pedir contas a quem? Aos jovens? A eles deve-se pedir perdão.

Que os novos governantes entendam estas coisas simples. Não nos atirem para situações semelhantes, pois se não arripiamos caminho a degradação será progressivamente irremediável.

O novo ano escolar quando começa?

O novo Ministério da Educação arranque para não ser tarde demais!

Padre Acílio



Tiragem média por edição no mês de Maio: 49.345 exemplares.